

ritores italianos do século XX

“Juliana” / Carlo Emilio Gadda

as do mundo”. O livro escolhido por Calvino para
 ar a tese é “Aquela confusão louca da Via
 ulana”, lançado em 1957 e publicado no Brasil
 1982, pela Record, em tradução de Aurora
 ardini e Homero de Freitas Andrade. A partir da
 tificação de um assassinato cometido em Ro-
 m 1927, o romance traça um painel cáustico
 da na Itália durante o fascismo.

Rabelais quanto do jogo de
 justaposições aleatórias do
 surrealismo.

Em alguns momentos,
 lendo “A sinagoga dos ico-
 noclastas”, tem-se a im-
 pressão de que o projeto co-
 mo um todo está prestes a
 sucumbir diante da inver-
 similhança de certas passa-
 gens. Mas o estilo contido e
 algumas obsessões recor-
 rentes — microscópios, teo-
 rias sobre o início do mun-
 do, estratégias de viagem no
 tempo — são suficientes
 para manter o percurso co-
 eso, ainda que instável.

Wilcock guarda um últi-
 mo paradoxo: um pouco
 como Goya, ao trabalhar os
 monstros produzidos pelo
 sono da razão, e como Da-
 nilo Kis, que em “Um túmu-
 lo para Boris Davidovitch”
 fala do perigo de se ler, fa-
 naticamente, apenas um li-
 vro, a “Sinagoga”, apesar de
 depender de tantos volu-
 mes e discursos alheios, é
 também um retrato (jocoso,
 derrisório) da face dogmáti-
 ca do saber. Um exemplo
 possível é o holandês Vred-
 juik, que defende que o som
 é a luz depois do pecado e
 que, “em toda sua vida”, “só
 havia lido dois livros: a Bí-
 bblia e as obras completas de
 Lineu”. Para Wilcock, não há
 soluções — o mal e a ig-
 norância são incontorná-
 veis. O que lhe coube como

VERSO

UM OUTRO LADO
 DA HISTÓRIA

O BRUXO DO COSME VELHO VAI À ITÁLIA

GUILHERME FREITAS
 guilherme.feitas@oglobo.com.br

Machado de Assis nunca
 atravessou o Atlântico,
 mas em sua obra fez
 incursões frequentes à cultura
 europeia. O Bruxo do Cosme
 Velho admirava o francês
 Stendhal, queria escrever com o
 humor e a liberdade do inglês
 Laurence Sterne e tinha uma
 birra lendária com o português
 Eça de Queiroz. Agora, um novo
 livro chama a atenção para um
 aspecto menos lembrado desse
 intercâmbio: o diálogo de Ma-
 chado com a cultura italiana.

Em “Machado de Assis e o câ-
 none ocidental: itinerários da li-
 teratura” (EdUerj), a pesquisa-
 dora Sonia Netto Salomão mos-
 tra como o escritor, leitor de
 Dante e Leopardi, se inspirou
 em óperas italianas que passa-
 ram pelo Rio em fins do século
 XIX e conviveu com artistas ita-
 lianos instalados à cidade na épo-
 ca. Professora de Língua e Tra-
 dução na Sapienza-Universida-
 de de Roma, Sonia fará uma pa-
 lestra na Biblioteca Nacional, dia
 4, às 17h, e lançará o livro dia 6,
 às 19h, na Travessa do Leblon.

Sonia lembra desde menções
 clássicas à Itália na obra de Ma-

via, adaptava, reinventava.
 Por isso suas obras não têm
 uma interpretação fechada, o
 leitor vai como que reescre-
 vendo o romance enquanto
 lê — diz Sonia.

Sonia argumenta que mui-
 to do interesse de Machado
 pela Itália surgiu no círculo
 da Livraria de Paula Brito,
 seu editor. Lá batiam ponto
 imigrantes como os dese-
 nhistas Luigi Borgomaineiro
 e Angelo Agostini, fundador
 da irreverente “Revista Ilus-
 trada”. Também acompa-
 nhou a passagem de grandes
 produções italianas pela ci-
 dade, como a versão de Verdi
 para o “Otelo” de Shakespea-
 re. No conto “Curta história”,
 Machado registra o sucesso
 das peças com o ator italiano
 Ernesto Rossi, “um homem-
 zarrão, que uma noite era
 terrível como Otelo, outra
 noite meigo como Romeu”.

Livro analisa o
 pouco lembrado
 diálogo de
 Machado de